

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Braziliense*

Class.: 137

Data: 01.10.87

Pg.:

# Odenir Pinto contesta Funai

Em carta enviada ao CORREIO BRAZILIENSE, o indigenista Odenir Pinto de Oliveira contesta as declarações da direção da Funai, acusando-o de insuflar os índios Xavante contra a atual administração do órgão. Odenir afirma, ainda, nunca ter visto nem mantido contato com o Sr. Frederico Rondon Filho, com quem Odenir foi acusado pela Funai de urdir toda a confusão promovida pelos índios Xavante recentemente em Brasília. A carta de Odenir Pinto, na íntegra, é a seguinte:

"A publicação por este conceituado jornal da matéria intitulada "Briga de índio custa caro à Funai", com subtítulo (Xavantes foram embora, mas deixaram contas que o DPF já investiga", do dia 20 de setembro de 1987, traz declarações do presidente da Funai, Sr. Romero Jucá Filho, onde faz acusações difamatórias sobre minha pessoa.

"Tendo em vista o direito de resposta que me é assegurado pelo artigo 29 da Lei 5.250/67, solicito a V.Sa., que publique no mesmo espaço concedido à matéria acima referida, a resposta a que tenho direito" — Não.

"Com relação à matéria, desejo esclarecer o seguinte:

conheço, nunca vi e nunca mantive contato qualquer natureza com o Sr. Frederico Rondon Filho. Portanto, é impossível que tenhamos "urdido" e "insuflado" movimentações de índios em Brasília, como foi noticiado.

"2 — Por ocasião da chegada dos Xavante em Brasília, ocorrida na segunda quinzena de agosto, encontrava-me em Cuiabá/MT, tratando de assuntos de interesse pessoal, tendo chegado a esta capital somente no dia 6 de setembro próximo passado.

"3 — Em nenhum momento fui contactado pela Polícia Federal, como deixa transparecer na matéria em questão.

"4 — A relação pessoal e

de amizade que mantenho com os Xavante, data de 1957, época em que se deu o contato pacífico dessa tribo indígena com a sociedade nacional. Em criança, acompanhei algumas das expedições que buscavam a sua "pacificação", tendo convivido em suas aldeias por longos períodos de tempo. Já como funcionário da Funai, trabalhei entre eles de 1973 a junho de 1980, quando pedi demissão por discordar da política indigenista oficial.

"5 — A partir de 1982, atendendo a uma solicitação dos próprios Xavante, venho trabalhando, na medida que meus outros afazeres permitem, na proposta de reconstituir sua história de vida, antes e após o contato com a sociedade nacional. Para tanto, tenho procurado reunir acervo de sua cultura material e registrar de forma sistemática, através de gravações, livros e filmes, sua língua, seus rituais e diversas técnicas tradicionais, como forma de preservar sua cultura, que, diga-se de passagem, a política da Funai desestimula, desrespeita, desestrutura e vilipendia constantemente. Essa atividade obriga-me a ir duas ou três vezes por ano até às aldeias Xavante, a fim de coletar dados para este trabalho que, gostaria de ressaltar, vem sendo realizado a pedido dos Xavante e para uso exclusivo deles.

"6 — Caso eu tivesse tanta influência sobre eles a ponto de "insuflá-los" contra órgãos ou pessoa teria, com certeza, orientado os índios para que não viessem a Brasília, tal era a evidência de que havia na Funai toda uma trama forjada por seus atuais administradores no sentido de que houvesse "invasões" por parte de seus tutelados. A sucessão de fatos e atitudes consideradas provocativas por parte de qualquer sociedade indígena, que a Funai vem adotando como método, sobretudo nesses últimos quatro ou cinco meses, não nos deixa a

minima dúvida. Um exemplo de que tudo não passou de uma encenação grosseira, vulgar e hilariante de Jucá e seu exército de banidos de Boa Viagem, foi o ocorrido com os Xavante. Vejamos então:

"a) — O presidente da Funai, Sr. Romero Jucá Filho, logo que assumiu, enviou para área Xavante um administrador que, entre outras barbaridades, instituiu um salário mensal de Cz\$ 30 mil, para cada "líder" Xavante. Esse administrador permaneceu na área até março deste ano, quando os próprios índios o expulsaram. E no mínimo curioso agora, o Sr. Jucá indignar-se contra aquilo que ele próprio criou, introduziu e institucionalizou.

"b) — A presidência da Funai, através da Portaria nº 950/PT, de 14 de maio deste ano, constituiu uma equipe multidisciplinar, que visitou aldeia por aldeia Xavante (são 52 atualmente) elaborado projetos de agricultura mecanizada, de saúde, de educação e de pecuária. A mesma situação de abandono e penúria que essa equipe encontrou nas aldeias, continua inalterada até a presente data: os índios estão sem atendentes de enfermagem, sem professores, enfim, sem nenhum funcionário da Funai. Tendo ultrapassado a época apropriada para o preparo do solo destinado ao plantio, sem que os recursos prometidos tivessem sido liberados, os Xavante não obtiveram qualquer explicação da direção do órgão. Portanto, após o período de euforia que se seguiu à chegada da equipe, os índios perceberam que haviam sido enganados: não haveria mais projeto algum, como também não havia tempo hábil para o preparo das roças de toco tradicionais, o que significa que no próximo ano não terão o que comer.

"Não é preciso que se tenha maiores conhecimentos sobre uma sociedade indígena para saber que, agindo assim, a Funai está

deliberadamente, comprometendo a sobrevivência física da tribo e que esta não deixará impune um comportamento desse tipo. Na melhor das hipóteses, Jucá quer patrocinar um tumulto generalizado, do qual não sabe prever as consequências.

"c) Todas as outras vezes em que os Xavante estiveram em Brasília, o Sr. Jucá brindou-os com milhares de cruzados, ato que agora quer atribuir às administrações anteriores. O hábito de dar dinheiro aos índios que chegam a Brasília, com intuito de "silenciá-los" e "acalmá-los", vem desde 1972. Sempre que um presidente se insurgiu contra essa prática foi de forma escandalosa, estapafúrdia e irresponsável como agora, verificando-se mais tarde, que tal comportamento fora movido pela necessidade de escudar-se, em determinado momento, numa imagem pública de homem honesto.

"Ora, não precisa ser indigenista e nem funcionário de Funai para saber que uma sociedade indígena é, por natureza, facilmente atraída por tudo aquilo que representa "poder" (dinheiro) na sociedade de branco, nem precisa ser "herói" para tratá-los com dignidade e respeito. A grande sabedoria que os índios nos ensinam é de que a coerência no comportamento e nas atitudes são os únicos aspectos no nosso semelhante que devemos observar para concluir se se é digno de respeito.

"Não será "fabricando" agitadores e insufladores — também nisso não consegue ser original — nem se escondendo atrás da Polícia Federal, que o Sr. Romero Jucá Filho vai proteger-se da imparcialidade do TCU e, sobretudo, do julgamento da história.

"Certo que este diário quer levar aos seus leitores a verdade, é que venho solicitar o meu direito de resposta que espero ser atendido."